

## **FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO VERDE EM MEIO URBANOS: O CASO DO MORRO DO GUAJURU BAIRRO DA PRAIA DO CANTO, VITÓRIA; ESPÍRITO SANTO**

Vitor Bessa Zacché<sup>1</sup>

### **Resumo**

Análise das formas de apropriação do espaço verde urbano: Avaliar como a construção da cidade engloba a paisagem natural e a transforma em um objeto passível de consumo, e através da especulação imobiliária torna-a objeto de desejo remetendo essa parcela do espaço as disposições globalizantes.

Metodologia: Caracterização da área: Citação de aspectos físicos, uso e ocupação do solo e localização da área de estudo.

Trabalho de campo: Atividades realizadas na área de estudo para retirada de fotografias, e dialogo com populares.

Cartografia: Confecção de mapas e análise de mapas já existentes

Levantamento bibliográfico: Busca e leitura de livros reportagens e textos que puderam contribuir para o enriquecimento do estudo.

Principais contribuições: Nesse sentido, explorar a cidade como um objeto que marca a ruptura entre um passado natural e o presente urbanizado, moderno. A natureza passa a ser modelada de acordo com a natureza humana moderna e na lógica humana.

Espera-se contribuir com a discussão sobre a cidade e o seu molde às lógicas consumistas, partindo de um exemplo local pode-se identificar um contexto global.

**Palavras Chaves:** Escala temporal, memória da paisagem, produção espacial

---

<sup>1</sup> Professor de Geografia. Estado do Espírito Santo; Brasil. E-mail: vitorzacche@gmail.com

## **Introdução**

As formas de apropriação do espaço acontecem a todo o momento no dia-dia urbano, a cidade é construída em uma lógica capitalista que suprime as formas de expressão que existiram no passado, a escala temporal do desenvolvimento da paisagem no eixo urbano é constituída por intervalos muito pequenos entre uma transformação e outra, que justificam o arrojo da produção imobiliária que atua criando padrões de consumo e transformando ambientes.

Nesse sentido a cidade é um objeto de ruptura entre o passado natural e o presente urbanizado, moderno. A natureza passa a ser modelada de acordo com a natureza humana moderna e na lógica humana, a dimensão dos signos se acentua enquanto “representação de coisas que já não existem ou existem raramente, e que são produzidas como mercadorias.” (Carlos Teixeira; A construção da cidade)

Nesse processo a paisagem urbana passa a suprimir antigas formas e assim se molda de acordo com as necessidades urbanas ao longo dos tempos, pode-se perceber, por exemplo, no fenômeno da verticalização das cidades que ocupa com prédios altos, residências multifamiliares, locais aonde se encontravam residências uni familiares com jardins e espaços mais amplos.

Casos de representações do natural no meio urbano, canteiros, árvores, jardins são elementos que referenciam o meio natural e, no entanto, constituem adornos urbanos. As áreas de preservação ambiental como parques municipais, entre outros, constituem-se áreas que possuem semelhante função embora em nível diferente, uma vez que permitem o contato do homem com a natureza em um sistema fechado e controlado.

Apesar de esse tipo de área não sofrer ocupação efetivamente, o seu entorno é objeto amplamente disputado no mercado imobiliário, pois, constitui um “lobby” de mercado uma vez que transmite a idéia (sensação) de aproximação com o natural. Atualmente essas formas são amplamente dimensionadas no conceito de sustentabilidade que caracteriza um processo de redimensionamento da apropriação da natureza de forma a reduzir os danos causados. “O homem humano possui história, pois nada nele é invariável, esta é o que lhe confere distinção de todas outras criaturas” (ORTEGA Y GASSET *apud* CASAGRANDE; RAMOS, 2007,p. 02). De certa forma o

que acontece é uma busca por essências naturais que se perderam em tal contexto de apropriação do espaço.

“O uso submetido, no mundo moderno, à propriedade privada, ao império da troca, reproduz o espaço enquanto mercadoria cambiável, e como consequência, delimitando os espaços passíveis de apropriação, revelando a sua fragmentação imposta pelo sentido e amplitude da generalização da propriedade privada no solo urbano.” (Ana Fani Alessandri; Novos escritos sobre a cidade)

Nesse texto a autora descreve bem o sentido da lógica de apropriação do espaço urbano que, conduzida pelo poder do capital, submete o espaço muitas vezes de uso público as vontades do comércio.

O que se cabe discutir é como essa apropriação é moldada sobre a paisagem local ocorre também no contexto imaterial, uma vez que (Ab’Sáber 2003, p. 09) resgata a idéia de que a paisagem é uma herança. Para ele a paisagem é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográfico-biológicos e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como territorialidade resultante da atuação de comunidades passadas. Nessa lógica, a paisagem adquire através de sua historicidade um valor simbólico que contribui para a construção de uma identidade espacial.

São diversas as abordagens feitas sobre a paisagem geográfica, no entanto o que se pretende explorar é justamente o fato de a paisagem que é apropriada para a constituição de um modelo habitacional sistematizado no capital passa, após concluído esse processo, a uma paisagem natural imaginada uma vez que sobreposta por formas múltiplas que revestem a memória, nesse caso a memória da paisagem.

Em um sentido especulativo Paul Claval cita que “O explorador quer conservar a memória as terras que descobriu e fazer com que todos a conheçam; para falar dos lugares ou dos ambientes.” Tal conservação memorial pode ser entendida através dos nomes que as novas formas são batizadas, nesse caso as edificações que constituem o cenário. “o hábito de dar as vias os nomes de personagens ou de acontecimentos importantes, que incansavelmente repetidos, enriquecem a memória coletiva local” Essas novas formas muitas vezes mesclam a paisagem preexistente ao novo contexto compondo um arranjo de aspectos naturais e humanos, no qual os elementos naturais são organizados de tal forma que proporcionam um ambiente apropriado para a atividade humana. (Tuan 1980, p. 141)

Para Milton Santos em *Metamorfose do espaço habitado* “o meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos de natureza primitiva crescentemente encoberto pelas obras dos homens.”

Em linhas gerais a paisagem natural passa a existir como sinônimo de requinte imobiliário, uma vez que esse setor avança sobre o meio natural comprimindo-o quando não o extingue em contrapartida a um empreendimento imobiliário, uma vez que “se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intensões econômicas ou políticas.” (Milton Santos – *Metamorfose do espaço habitado*).

### **Análises e conclusões**

A área estudada denomina-se morro Guajuru ou morro do Cruzeiro, situa-se no bairro da Praia do Canto na cidade de Vitória estado do Espírito Santo. O morro Guajuru “se caracteriza como um maciço com cota máxima de 66,7 metros de altitude que se destaca na paisagem em meio à planície oriental da ilha de Vitória, porção natural do município que hoje se encontra completamente alterada pelos aterros promovidos no decorrer do século XX em prol da ocupação urbana.” Pablo Silva Lira

A ocupação do entorno dessa área começou a ser definida na época do governo Muniz Freire que tinha a pretensão de construir um bairro afastado do centro da cidade de Vitória esse projeto foi denominado novo arrabalde

Nesse contexto surgiu o bairro Praia do Canto no entorno do morro do Guajuru, “Identifica-se desde então um zoneamento de áreas, onde já estaria determinada, no projeto a região que se tornaria nobre no bairro, a que alcançaria maior valorização. Este vai ocorrer no novo arrabalde propriamente dito e nele, no setor litorâneo mais afastado do centro, correspondente a praia comprida atualmente denominada Praia do Canto” Mendonça (1999, p. 184)

Esse bairro é constituído em uma escala de tempo única com relação ao seu processo de verticalização e o restante da cidade, tal processo se inicia de forma efetiva na década de 1970 uma vez que “com as transformações do centro elite – no final da década de 1960 e durante a década de 1970 – começa a deixar de forma mais intensa essa área, procurando um bairro mais aprazível, no que diz respeito a moradia. E a Praia

**Formas de apropriação do espaço verde em meio urbanos: O caso do morro do Guajuru bairro da Praia do Canto, Vitória; Espírito Santo**

Vitor Bessa Zacché

-----

do Canto torna-se o bairro aonde essa classe passa residir.” (Eduardo Rodrigues Gomes – A Geografia da verticalização litorânea em Vitoria: o bairro Praia do Canto p. 96)

O objeto de análise desse estudo é o entorno desse morro no que tange a ocupação imobiliária das ruas que o cercam no sentido de fazer apontamentos de como estão ocupados os terrenos que fazem fronteira com esse morro e justificar o processo de apropriação da paisagem desse ambiente através dos nomes atribuídos as construções, ou seja, demonstrar como é possível a especulação da paisagem nessa forma e sentido.

“Ex-prefeito de Vitória, Carlito Von Schilgen, já falecido, presentia um boom comercial e começou a defender um Plano Diretor Urbano (PDU) para “salvar” do crescimento desordenado o local, onde construiu uma casa no alto de uma chácara, na Saturnino de Brito. Temia perder a privilegiada imagem das janelas de sua residência... A chácara continua ali como uma das referências do passado. Embora espremida entre os espigões.” (coleção Elmo Elton, Praia do Canto, pg 19)



O fato é que o morro está sendo “consumido” pelo mercado imobiliário e assim desaparecendo do contexto social, compondo assim o campo imaterial, pois diante de tais modificações na configuração do território do bairro o morro não pode mais ser visto como era previsto no plano do novo arrabalde, esse desaparecimento do morro caracteriza o processo das perdas de referencia bem como a valorização dessa aproximação do homem com a natureza no sentido capitalístico.

O morro do cruzeiro foi abolido da paisagem urbana do bairro Praia do Canto ao ser circundado por todas essas construções e outras que embora não sejam encostadas ao seu entorno, são altas o suficiente para inibir a visualização do morro em outras áreas do bairro e da cidade. No entanto, pode-se perceber que o nome de algumas dessas

obras, no caso as que estão em fronteira com o morro do Guajuru, bem como a sua projeção arquitetônica é voltada para o acidente geográfico, tangendo assim o valor comercial dessa paisagem. Percebe-se que a cidade possui essa dinâmica de englobar as paisagens naturais em seu contexto, mesmo que isso venha acarretar um desfecho negativo ao meio ambiente e até mesmo aos cidadãos, pois, esses refúgios naturais facilitam a ventilação da área e dão mais vida a monotonia criada pelas construções de concreto.

O caso do morro do Guajuru é bastante relevante na cidade de Vitória, pois se observa um histórico de construção da cidade cujo essas áreas deveriam terem sido valorizadas em outro aspecto e não somente para a especulação imobiliária, na verdade o que aconteceu naquela área foi uma preservação forçada, uma vez que somente o miolo da pedra, ou seja a parte de complicado acesso para efetivarem-se obras da engenharia ficou com o teor de área preservada.

O fato é que os espaços naturais passam a serem vistos como sinônimos de requinte imobiliário, uma vez que esse setor avança sobre o meio natural comprimindo-o quando não o extingue em contrapartida a um empreendimento imobiliário, o morro do Guajuru desde que se elaborou o projeto o novo arrabalde foi designado como símbolo paisagístico, uma vez que o engenheiro-sanitarista responsável Saturnino de Brito, optou pela preservação das referências da paisagem.

Diante desse fato o que se observa é que a paisagem do morro do Guajuru foi inclusa no vasto cardápio do setor imobiliário e até a atualidade representa significativo adorno comercial no bairro Praia do Canto.

De acordo com Milton Santos “a natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultados da cultura. Torna-se cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais humanizada.” (Milton Santos – *Metamorfose do espaço habitado*).

Na realidade quando o objeto de análise é um bairro e classe média cujo os valores foram estabelecidos a partir de um projeto de ocupação, nesse caso o “Novo Arrabaude”, sugere que os valores que ali vão se posicionar são advindos do processo de formação da classe média, logo, outras áreas da cidade aonde também se encontram morros eu em algum tempo já contaram com paisagens naturais relevantes, não obtiveram o mesmo processo e assim rumaram para a favelização, formando

verdadeiras periferias, nesse caso periféricos ao processo de valorização imobiliária que se deu no morro em debate.

Outro aspecto importante a se salientar nesse estudo é o fato de a prefeitura ter criado o parque municipal reserva Von Scilelgen e este nunca foi inaugurado ou sequer aberto ao público, além de ser vigiado por guardas armados constantemente, é um parque que existe somente no papel e, como constatado no estudo os edifícios que circundam o parque e que possuem acessos físicos ou visuais para o morro acabam por fazer um uso restrito desse espaço, mesmo que esse contato seja somente visual ele torna-se de fato um privilégio diante de um espaço que deveria ser público.

### **Material gráfico**

- **Análise sobre fotos**

Foi realizado um apanhado de fotografias do local de estudo, serão apresentadas aqui como forma de ilustrar a importância do monumento para a saúde do bairro e da cidade, bem como alguns exemplos de apropriação.

**Foto 1:**



Fotografia mostrando a face leste do morro e sua vista seccionada pelos edifícios que o cercam. Nesse ângulo a Cruz, situada no topo do morro já não pode ser vista.

**Foto 2:**



**Guarita de vigilantes e entrada oficial do “Parque municipal Von Schilgen”.**

**Foto 3:**



**Fundos da rua Moacyr Avidos para o morro do cruzeiro: Acesso visual restrito.**



**Foto 4:**



**Pequena praça no sopé oeste do morro.**

**Foto 5:**



**Edifício Belvedere que otimiza a vista do morro para os moradores que possuem varandas laterais.**

**Foto 6:**



**Exemplo de construção que não otimiza a paisagem natural do morro e assim o mantém escondido do visual do bairro.**

**Foto 7:**



**Essa fotografia foi retirada em frente da Igreja Santa Rita, essa igreja teve papel fundamental na instalação da cruz no alto do morro. Nota-se que da igreja ainda é possível se vislumbrar a cruz.**

**Foto 7:**



**Paisagem especulada: esse empreendimento comercial não aproveita a paisagem da pedra para requinte e obstrui a visão integral do monumento natural.**

**Foto 8:**



**Essas imagens são da fachada do “Shopping Center” e do interior respectivamente. Neste caso é nítida a apropriação no nome da construção e**

**também no requinte do interior do prédio, que aproveita o elemento natural para um estilo de decoração.**

**Foto 9:**



**Acesso livre: nessa pequena praça situada no sopé sul do morro, é possível subir até o topo em uma leve escalada, no entanto os guardas impedem a permanência de visitantes na área do parque.**

**Foto 11:**



**Rua Moacyr Avídeos: esta rua foi a primeira rua a se verticalizar no bairro Praia do Canto, a esquerda da fotografia pode-se observar vários prédios que obstruem a vista do morro do cruzeiro.**

**Foto 12:**



**Vista panorâmica da do morro do cruzeiro e praia da “Curva da Jurema”:  
paisagens especuladas.**

“Na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais... O envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional. O que falta às pessoas nas sociedades avançadas ( e os grupos hipies parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento.” (YI-Fu Tuan)

Através dessas imagens e desta citação o pensamento pode ser remetido a busca pelo entendimento do sentido que a modernidade vem dando as formas naturais preexistentes, seguindo ainda linha de pensamento de YI-Fu Tuan sobre Topofilia que é a associação de sentimento com lugar, nota-se que “certos meios ambientes naturais têm figurado de maneira proeminente nos sonhos da humanidade de um mundo ideal: A floresta, a praia, o vale e a ilha. A geografia fornece necessariamente o conteúdo do sentimento topofílico.”

O que ocorre no bairro Praia do Canto com relação ao “morro do Guajuru” é um aproveitamento da especulação imobiliária diante desse “despertar topofílico moderno”, é o sentimento de posse que vem sendo moldado no interior das sociedades humanas juntamente com necessidades próprias e idéias universais fazem com que formas se materializem e contribuam para uma reprodução espacial sobrecarregada de

informações e necessidades. “A topofilia assume muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade.”

Nesse sentido, é que a força mercadológica exerce sua influência através da mídia e do marketing e atribuem valores monetários a essa topofilia estabelecida pela geografia do lugar, as construções ganham não somente nomes que atribuem o valor imaterial da paisagem do arredor e os benefícios de se viver próximo a natureza, ou ainda a última área verde da Praia do Canto, mas também o sentido que vai ganhando a palavra sustentabilidade nessa nova fase de inserção do homem ao meio ambiente, esse agora é moldado dentro do slogan sustentável, como se essa fosse a solução para as ameaças constantes que vem sofrendo as áreas verdes.

## **Bibliografia**

AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo/SP: Ateliê, 2003, p. 09.

CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira. **A construção da cidade: formas de produção imobiliária em Vitória**. Vitória - ES: Florecultura, 2002.

Claval, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis/SC: 1999, tradução

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH-USP, 2007 (2ª. Edição revisada). HARVEY, São Paulo - SP: Contexto, 2003.

CASAGRANDE, Braz; RAMOS, Daniel. **O humano, a técnica e a natureza: uma síntese do pensamento de Ortega y Gasset**. Pesquisa Acadêmica. Vitória - ES: PPGAU/UFES, 2007.

**Formas de apropriação do espaço verde em meio urbanos: O caso do morro do Guajuru bairro da Praia do Canto, Vitória; Espírito Santo**

Vitor Bessa Zacché

-----

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO**, fundamentos. Teórico e metodológico da geografia. Hucitec.São Paulo 1988

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo - SP: Difel, 1980.Milton Santos em Metamorfose do espaço habitado